

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO C

DOMINGO V DO TEMPO COMUM

CIC 520, 618, 923, 1618, 1642, 2053: todos somos chamados a seguir Cristo

520 Em toda a sua vida, Jesus mostra-Se como *nosso modelo*¹: é «o homem perfeito»², que nos convida a tornarmo-nos seus discípulos e a segui-Lo; com a sua humilhação, deu-nos um exemplo a imitar³; com a sua oração, convida-nos à oração⁴; com a sua pobreza, incita-nos a aceitar livremente o despojamento e as perseguições⁵.

618 A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»⁶. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»⁷, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»⁸. Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»⁹ porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»¹⁰. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários¹¹. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor¹²:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»¹³.

923 As virgens, «emitindo o santo propósito de seguir mais de perto a Cristo, são consagradas a Deus pelo Bispo diocesano segundo o rito litúrgico aprovado, desposam-se misticamente com Cristo Filho de Deus e dedicam-se ao serviço da Igreja»¹⁴. Por este ritual solene (*consecratio virginum* – consagração das virgens), a «virgem é constituída como pessoa consagrada, sinal transcendente do amor da Igreja a Cristo, imagem escatológica da Esposa celeste e da vida futura»¹⁵.

¹ Cf. *Rm* 15, 5; *Fl* 2, 5.

² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 38: AAS 58 (1966) 1055.

³ Cf. *Jo* 13, 15.

⁴ Cf. *Lc* 11, 1.

⁵ Cf. *Mt* 5, 11-12.

⁶ Cf. *1 Tm* 2, 5.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁸ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

⁹ Cf. *Mt* 16, 24.

¹⁰ Cf. *1 Pe* 2, 21.

¹¹ Cf. *Mc* 10, 39; *Jo* 21, 18-19; *Cl* 1, 24.

¹² Cf. *Lc* 2, 35.

¹³ SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

¹⁴ CIC cân. 604 § 1.

¹⁵ *Ordo Consecrationis virginum*, Praenotanda 1, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 7 [ed. oficial portuguesa: *Consagração das Virgens*, Preliminares 1, edição típica, (Coimbra, Conferência Episcopal Portuguesa - Gráfica de Coimbra 1993) p. 9].

1618 Cristo é o centro de toda a vida cristã. A união com Ele prevalece sobre todas as outras, quer se trate de laços familiares, quer sociais¹⁶. Desde o princípio da Igreja, houve homens e mulheres que renunciaram ao grande bem do matrimônio, para seguirem o Cordeiro aonde quer que Ele vá¹⁷, para cuidarem das coisas do Senhor, para procurarem agradar-Lhe¹⁸, para saírem ao encontro do Esposo que vem¹⁹. O próprio Cristo convidou alguns a seguirem-n'Ó neste modo de vida, de que Ele é o modelo:

«Há eunucos que nasceram assim do seio materno; há os que foram feitos eunucos pelos homens; e há os que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus. Quem puder entender, entenda!» (Mt 19, 12).

1642 *Cristo é a fonte desta graça.* «Assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens e Esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do Matrimônio»²⁰. Fica com eles, dá-lhes a coragem de O seguirem tomando sobre si a sua cruz, de se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro²¹, de serem «submissos um ao outro no temor de Cristo» (Ef 5, 21) e de se amarem com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegosto do festim das núpcias do Cordeiro:

«Onde irei buscar forças para descrever, de modo satisfatório, a felicidade do Matrimônio que a Igreja une, que a oblação eucarística confirma e a bênção sela? Os anjos proclamam-no, o Pai celeste ratifica-o [...] Que jugo o de dois cristãos, unidos por uma só esperança, um único desejo, uma única disciplina, um mesmo serviço! Ambos filhos do mesmo Pai, servos do mesmo Senhor; nada os separa, nem no espírito nem na carne; pelo contrário, eles são verdadeiramente dois numa só carne. Ora, onde a carne é só uma, também um só é o espírito»²².

2053 A esta primeira resposta vem juntar-se uma segunda: «Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Vem, depois, e segue-Me» (Mt 19, 21). Esta resposta não anula a primeira. Seguir Jesus implica cumprir os mandamentos. A Lei não é abolida²³; mas o homem é convidado a reencontrá-la na Pessoa do seu mestre, em Quem ela encontra o seu perfeito cumprimento. Nos três evangelhos sinópticos, o apelo de Jesus ao jovem rico, para O seguir na obediência de discípulo e na observância dos preceitos, está associado ao apelo à pobreza e à castidade²⁴. Os conselhos evangélicos são inseparáveis dos mandamentos.

¹⁶ Cf. Lc 14, 26; Mc 10, 28-31.

¹⁷ Cf. Ap 14, 4.

¹⁸ Cf. 1 Cor 7, 32.

¹⁹ Cf. Mt 25, 6.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 48: AAS 58 (1966) 1068.

²¹ Cf. Gl 6, 2.

²² TERTULIANO, *Ad Uxorem* 2, 8, 6-7: CCL 1, 393 (PL 1, 1415-1416); cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 13: AAS 74 (1982) 94.

²³ Cf. Mt 5, 17.

²⁴ Cf. Mt 19, 6-12.21.23-29.

CIC 2144, 2732: o temor da presença de Deus contra a presunção

2144 A deferência para com o seu nome exprime a que é devida ao mistério do próprio Deus e a toda a realidade sagrada que ele evoca. *O sentido do sagrado deriva da virtude da religião:*

«Os sentimentos de temor e de sagrado serão ou não sentimentos cristãos? [...] Ninguém pode razoavelmente pôr isso em dúvida. São os sentimentos que nós teríamos, e num grau intenso, se tivéssemos a visão do Deus soberano. São os sentimentos que nós teríamos, se tivéssemos consciência da sua presença. Ora, na medida em que acreditamos que Ele está presente, devemos ter tais sentimentos. Não os ter é não estar conscientes desta realidade, é não crer que Ele está presente»²⁵.

2732 A tentação mais comum e a mais oculta é a nossa *falta de fé*. Exprime-se menos por uma incredulidade declarada do que por uma preferência de facto. Quando começamos a orar, mil trabalhos e preocupações, julgados urgentes, apresentam-se-nos como prioritários. É mais uma vez o momento da verdade do coração e do seu amor preferencial. Uma vez, voltamo-nos para o Senhor como nosso último recurso: mas será que acreditamos mesmo n'Ele? Outras vezes, tomamos o Senhor como aliado, mas conservamos o cheio de presunção. Em todos os casos, a nossa falta de fé revela que ainda não temos as disposições de um coração humilde: «Sem Mim, *nada* podereis fazer» (Jo 15, 5).

CIC 641-644: os Apóstolos, testemunhas da Ressurreição

641 Maria Madalena e as santas mulheres, que vinham para acabar de embalsamar o corpo de Jesus²⁶, sepultado à pressa por causa do início do Sábado, no fim da tarde de Sexta-feira Santa²⁷, foram as primeiras a encontrar-se com o Ressuscitado²⁸. Assim, as mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição de Cristo para os próprios Apóstolos²⁹. Em seguida, foi a eles que Jesus apareceu: primeiro a Pedro, depois aos Doze³⁰. Pedro, incumbido de consolidar a fé dos seus irmãos³¹, vê, portanto, o Ressuscitado antes deles e é com base no seu testemunho que a comunidade exclama: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão» (Lc 24, 34.36).

642 Tudo quanto aconteceu nestes dias pascais empenha cada um dos Apóstolos – e muito particularmente Pedro – na construção da era nova, que começa na manhã do dia de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes está fundada no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, a maior parte, vivendo ainda entre eles. Estas «testemunhas da ressurreição de Cristo»³² são,

²⁵ IOANNES HENRICUS NEWMAN, *Parochial and Plain Sermons*, v. 5, Sermon 2 [Reverence, a Belief in God's Presence] (Westminster 1967) p. 21-22.

²⁶ Cf. Mc 16, 1; Lc 24, 1.

²⁷ Cf. Jo 19, 31.42.

²⁸ Cf. Mt 28, 9-10; Jo 20, 11-18.

²⁹ Cf. Lc 24, 9-10.

³⁰ Cf. 1 Cor 15, 5.

³¹ Cf. Lc 22, 31-32.

³² Cf. Act 1, 22.

em primeiro lugar, Pedro e os Doze. Mas há outros: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu em conjunto, além de Tiago e de todos os Apóstolos³³.

- 643** Perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico. Resulta, dos factos, que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte de cruz do seu Mestre, por este de antemão anunciada³⁴. O abalo provocado pela paixão foi tão forte que os discípulos (pelo menos alguns) não acreditaram imediatamente na notícia da ressurreição. Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio»: *Lc 24, 17*) e apavorados³⁵. Foi por isso que não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareceram-lhes um desvario» (*Lc 24, 11*)³⁶. Quando Jesus apareceu aos onze, na tarde do dia de Páscoa, «censurou-lhes a falta de fé e a teimosia em não quererem acreditar naqueles que O tinham visto ressuscitado» (*Mc 16, 14*).
- 644** Mesmo confrontados com a realidade de Jesus Ressuscitado, os discípulos ainda duvidam³⁷, de tal modo isso lhes parecia impossível: julgavam ver um fantasma³⁸. «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (*Lc 24, 41*). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida³⁹, e quando da última aparição na Galileia, referida por Mateus, «alguns ainda duvidavam» (*Mt 28, 17*). É por isso que a hipótese, segundo a qual a ressurreição teria sido um «produto» da fé (ou da credulidade) dos Apóstolos, é inconsistente. Pelo contrário, a sua fé na ressurreição nasceu – sob a acção da graça divina – da experiência directa da realidade de Jesus Ressuscitado.

³³ Cf. *1 Cor 15, 4-8*.

³⁴ Cf. *Lc 22, 31-32*.

³⁵ Cf. *Jo 20, 19*.

³⁶ Cf. *Mc 16, 11.13*.

³⁷ Cf. *Lc 24, 38*.

³⁸ Cf. *Lc 24, 37*.

³⁹ Cf. *Jo 20, 24-27*.